

**MEU MUNDO PERDIDO, MEU MUNDO ENCONTRADO:
MEMÓRIAS DE CAROLINA (MA), A CIDADE DAS MANGUEIRAS
SECULARES**

**MY LOST WORLD, MY FOUND WORLD: MEMORIES OF CAROLINA (MA),
THE CITY OF THE SECULAR MANGO TREES**

Maria de Fátima Oliveira¹

Endereço Profissional: Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Anápolis Nelson de Abreu Júnior, Av. Juscelino Kubitschek, nº 146 - Bairro Jundiáí. Caixa Postal: 459
Cep. 75110-390
Anápolis - GO, Brasil
Email: proffatima@hotmail.com

Resumo: O presente artigo analisa as narrativas sobre a cidade de Carolina (MA), com base na obra de quatro memorialistas. Em primeiro lugar é feita a contextualização da cidade e a discussão sobre as especificidades da escrita memorialística; em seguida, a análise dos livros sobre a cidade, e por fim, busca-se mostrar que, apesar desses discursos memorialísticos não serem homogêneos nem conciliatórios, é inegável a importância desse tipo de escrita para o conhecimento de uma cidade e região pouco privilegiadas pela historiografia.

Palavras-chave: Cidade; Memória; Região.

Abstract: This article analyzes narratives about the city of Carolina (MA), based on the work of four memorialists. Firstly, the city is contextualized and a discussion about the specificities of memorial writing is carried out. After that, the books about the city are analyzed, and, finally, it is shown that although these memorialistic speeches are not homogeneous or conciliatory, it is undeniable that this type of writing is important to get to know a city and region which is little privileged by historiography.

Keywords: City; Memory; Region.

¹ Docente do Curso de História e do Programa de Mestrado Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9519-8093>

Introdução

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa².

O município de Carolina (MA) – localizado no sul do estado do Maranhão, na margem direita do rio Tocantins – é conhecido pelas suas belezas naturais, e a cidade de Carolina é o ponto de apoio para a visita ao Parque Nacional da Chapada das Mesas³, onde se localizam diversas cachoeiras e *canyons*. Ela está na área de influência da Usina Hidrelétrica de Estreito⁴, e, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ⁵, com uma área de 6.441,603 km², o município possuía uma população de 23.959 habitantes em 2010; e a estimativa para o ano de 2021 foi de um total de 24.151 pessoas. Ainda, conforme o IBGE, as origens de Carolina datam de 1809, quando Manoel Coelho Paredes e Elias Ferreira Barros construíram currais para o gado, e se fixaram na região. Entretanto, por divergências litigiosas tiveram que abandonar o lugar no ano seguinte, só retornando em 1820, quando encontraram o povoado em situação de abandono, conseguindo soerguê-lo. Em 1823, o deputado padre Camargo Fleury, deu ao novo povoado o nome de Carolina, em memória da primeira imperatriz do Brasil, e em 1831, o povoado foi elevado à categoria de vila. Daí em diante, por problemas de litígios, os governos do Maranhão e Goiás se revezavam na posse da vila até que em 1854 o povoado foi definitivamente incorporado ao Maranhão pelo decreto nº 773, de 23 de agosto.

² CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990, p. 44.

³ De acordo como o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO, 2018), o parque foi criado pelo Decreto de 12 de dezembro de 2005, com uma área de 159.953,78 hectares. Carolina possui a maior área ocupada pelo parque, está localizada na margem direita do rio Tocantins, sendo o principal ponto de apoio para a visita ao Parque Nacional da Chapada das Mesas, onde se localizam várias cachoeiras, trilhas ecológicas e pontos de visitação. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/10046-parque-chapada-das-mesa-regulariza-area>. Acesso em: 02/01/2021.

⁴ A Usina Hidrelétrica Estreito (UHE) está localizada na cidade de Estreito (MA), aproveitando o potencial hidroenergético do rio Tocantins. A obra foi iniciada em 2007 e inaugurada em 2012 com uma área de 555 quilômetros quadrados. Fonte: <http://uhe-estreito.com.br/>. Acesso em 05/10/2020.

⁵ Dados obtidos no site do IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/carolina/panorama>. Acesso em 22/11/2021.

A História de Carolina (MA) está intimamente ligada à navegação do rio Tocantins⁶. Numa época em que as estradas eram raras na região, sua posição estratégica na margem direita do rio foi um elemento importante para o seu surgimento e desenvolvimento. Tanto no Brasil como em outros países, os rios foram os caminhos naturais para o conhecimento do interior, e contribuíram de forma significativa para a expansão da fronteira. Os afluentes desse importante rio, que é a razão primeira do nascimento e desenvolvimento da cidade, têm suas nascentes no planalto de Goiás, região de Brasília, como afirmam os geógrafos Gomes e Teixeira Neto⁷: “O Rio Tocantins começa nas imediações do quadrilátero Cruls (porção setentrional do Distrito Federal), a mais de 1.000 metros de altitude, resgatando a sua total identidade a partir da confluência do Rio Paranã com o Rio Maranhão”. Assim, este rio corta o país no sentido sul-norte e, na divisa dos Estados do Tocantins e Pará (local conhecido por Bico do Papagaio), recebe as águas do rio Araguaia. A partir das cidades de Filadélfia (TO) e Carolina (MA), divide os Estados do Tocantins e Maranhão e corta, em seguida, o Estado do Pará, chegando à sua foz. Apesar das inúmeras dificuldades para a navegação e o povoamento de suas margens, suas belezas naturais e riquezas minerais sempre foram exaltadas, tanto por parte de viajantes estrangeiros e nacionais quanto por administradores e técnicos, e pelos moradores locais, entre os quais estão incluídos os carolinenses, autores dos livros aqui analisados.

De acordo com Paternostro⁸ – médico sanitário que percorreu a região na década de 1930 – “Carolina era um antigo povoado, fundado em 1810 e incluído na Província de Goiás. Essa atual cidade do Maranhão constituiu o pomo da discórdia na fixação dos limites entre os dois Estados, nos meados do século passado [XIX]”. Ainda conforme o autor, em 1935 a cidade tinha 2.936 habitantes, distribuídos em 704 casas. Destas, 393 construídas de tijolo e adobe, 307 palhoças e dois sobrados. Mesmo não possuindo luz elétrica, nem serviço de água e esgoto, seus moradores “consideram-na a “pérola” do Tocantins, envaidecidos pela existência de uma sociedade literária, onde fazem discursos e tertúlias de sabor acadêmico”⁹.

É, portanto, com base nos escritos sobre esta cidade beira rio, livros publicados por memorialistas carolinenses, que se pretende analisar os diferentes discursos sobre uma mesma cidade e construir outra narrativa sobre a cidade de Carolina. Esses livros foram escritos a partir de recordações individuais, mas com o objetivo de transmitir e perpetuar

⁶ O Rio Tocantins recebeu outras denominações e variações em seu nome ao longo dos séculos: Rio das Pedras, Rio de los Tocantis, Tucantins, Tocantin, Pará-Upéba, Parahupeba, Parahupava, Pirahypáva, Paraypava e Paraupava. RODRIGUES, Lysias A. *O Rio dos Tocantins*. 2. ed. Palmas: Ed. Alexandre Acampora, 2001, p. 40-41.

⁷ GOMES, Horiestes; TEIXEIRA NETO, Antônio. *Geografia: Goiás-Tocantins*. Goiânia: UFG, 1993, p. 113.

⁸ PATERNOSTRO, Júlio. *Viagem ao Tocantins*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945, p. 156.

⁹ Idem, p. 157.

também a memória coletiva, uma paisagem social e aspetos da vida cotidiana de uma cidade nas margens do Rio Tocantins.

Antes de iniciar o diálogo com os memorialistas de Carolina (MA), é importante ressaltar que embora o memorialista deseje e afirme que seu relato seja verdadeiro, diferente do historiador, ele tem mais liberdade na construção de sua narrativa, pois não se pode exigir deste o mesmo rigor que se exige do historiador, que precisa basear sua narrativa em fontes ou vestígios, além de seguir um processo teórico-metodológico convincente. Enquanto a matéria prima para os memorialistas são basicamente suas lembranças, para o historiador, esta é composta por documentos em seu conceito mais amplo, com os quais reconstrói os fatos históricos. Mesmo levando em conta tais diferenças, pode-se afirmar que memorialistas e historiadores não são antagonistas, ao contrário, o diálogo entre eles é benéfico e enriquecedor, como o que ocorre entre a História e a Literatura.

De acordo com Paulo Bungart Neto¹⁰, “A produção memorialística é fenômeno relativamente recente na literatura brasileira. Se as crônicas e os registros históricos se iniciam já em 1500 [...] as primeiras obras do gênero memorialístico, entre nós, surgem apenas durante o Romantismo, no final do século XIX”.

Em sua tese de doutoramento, a pesquisadora Maria Lúcia Dias Mendes¹¹, argumenta que:

O memorialista não é um historiador, nem um cronista apenas, trata-se, na verdade, de uma testemunha da História. Seu testemunho restringe-se aos acontecimentos aos quais ele esteve ligado – como ator ou expectador. Para escrever, o autor normalmente recorre a testemunhos de outras pessoas presentes ou mesmo a fontes documentais; contudo é a primeira pessoa que toma a frente na narração, organizando os fatos de acordo com a perspectiva pessoal de um indivíduo em particular.

Nesta perspectiva, fica evidente a maior autonomia que o memorialista possui em relação ao historiador na construção de sua narrativa. A principal fonte para o seu relato são as reminiscências resultantes de sua vivência, do que presenciou, viu e ouviu. Assim, a subjetividade é uma forte característica desse gênero, pois o memorialista seleciona os fatos a serem narrados conforme a importância e significado que eles representam para ele, de modo que o mais importante são as suas impressões pessoais dos fatos e não o fato em si.

¹⁰ BUNGART NETO, Paulo. De Taunay a Nava: grandes memorialistas da literatura brasileira. In: I ENCONTRO DIÁLOGOS ENTRE LETRAS, 2011, Dourados, MS. *Anais...* p. 44-55. Dourados: UFGD, 2011. Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/1121250/de-taunay-a-nava--grandes-memorialistas-da-literatura-bra...> Acesso em: 19 nov. 2021.

¹¹ MENDES, Maria Lúcia Dias. *No limiar da história e da memória: um estudo de Mes mémoires, de Alexandre Dumas*. 2007, p. 38-39. Tese (Doutorado em Letras Modernas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-01112007-143905/pt-br.php>. Acesso em: 19 nov. 2021.

Por outro lado, as obras memorialísticas podem contribuir com uma outra visão sobre uma dada realidade. Maria Lúcia Aragão¹² afirma que, “Um livro de memórias é sempre uma segunda chance de se viver o que já se viveu, de viver o que não se viveu e de se recuperar o tempo perdido”, podendo ser ainda, um modo de apreender fatos isolados que compuseram a trama de uma vida. Enfim, vale ressaltar que os escritos dos memorialistas analisados neste estudo sobre a cidade de Carolina podem ser considerados como uma importante fonte de pesquisa para a construção do conhecimento histórico da região.

Indubitavelmente, Pesavento¹³ estava certa ao afirmar que “As cidades fascinam”, sejam elas “reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia” e que a estas, “corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos”.

Portanto, o que se pretende nesta análise é buscar nas narrativas dos memorialistas carolinenses diferentes versões sobre uma cidade e sua gente. Versões estas que contém verdades, mas que são também repletas de imaginação e de juízos de valores, e assim é que elas devem ser lidas e apreciadas, pois são prenhes de sabores, como as mangas da cidade de Carolina. Desse modo, a tessitura do artigo tem como base os livros de quatro memorialistas carolinenses: *Carolina, meu mundo perdido...*, de Rossini Gonçalves Maranhão, *Meu mundo encontrado*, de Adozinda Luzo Pires, *A cidade das mangueiras seculares*, de Alfredo Aquino Maranhão e *Estórias da História de Carolina*, de Ruy Carvalho, entre outros, que também foram acessados para compor essa narrativa. Com vistas a uma melhor compreensão, a análise foi dividida em quatro seções, dedicada individualmente a cada um dos livros analisados.

Carolina, meu mundo perdido...

É Carolina! O meu mundo perdido. É a terra tranquila das festas juninas, dos balões, das rodas e das prendas em torno das fogueiras, tomando aluá e comendo canjica, das crendices ingênuas e do bumba meu boi...¹⁴.

¹² ARAGÃO, Maria Lucia. Memórias literárias na modernidade. *Letras*, Santa Maria, n. 3, jan./jun. 1992, p. 41-52. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11423/6898>. Acesso em: 19 nov. 2021.

¹³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 27, n. 53, Jan./Jul. 2007, p. 11.

¹⁴ MARANHÃO, Rossini Gonçalves. *Carolina Meu Mundo Perdido*. Rio de Janeiro: Rossini G. Maranhão, 1971, p. 24.

Autor de *Meu mundo perdido*, publicado no Rio de Janeiro em 1971, Rossini Gonçalves Maranhão, nasceu aos cinco de março 1914 na cidade de Carolina (MA) e faleceu em 1983. Iniciou seus estudos em sua terra natal e em 1933 partiu para Belém (PA) para cursar odontologia. Exerceu diversos cargos públicos, inclusive o de Diretor das Rendas Aduaneiras no Ministério da Fazenda, sendo agraciado com a Ordem do Rio Branco. O livro tem a apresentação de Austregésilo de Athayde (1898-1993), escritor, membro e diretor da Academia Brasileira de Letras, jornalista atuante em importantes jornais e revistas brasileiras da época. Segundo Athayde, “[...] além de ser uma leitura agradável e sugestiva, contribui também para reaproximar-nos, no tempo e no espaço, neste vasto interior brasileiro”. De fato, Rossini Maranhão consegue, com suas memórias do cotidiano de Carolina, passar ao leitor um retrato nítido de uma cidade ribeirinha do Brasil. De acordo com o autor, seu livro reflete passagens de sua infância e juventude e afirma ter receio de que outras pessoas indo à Carolina certamente não vislumbrarão “[...] a magia e encantamento que ditaram a página inicial deste desprezioso trabalho, eis que ela remonta à minha meninice e translada a paisagem que aprendi a contemplar desde criança, resistindo, indelevelmente, como a fantasia de um sonho”¹⁵, enfim, o seu *mundo perdido*.

Em suas páginas são visíveis também aspectos da paisagem, da cidade e da gente ribeirinha: “O anfiteatro que circunda a cidade, formado pelas serras goianas e maranhenses, refletidas no espelho do Rio Tocantins, que as separa, empresta à paisagem caleidoscópica uma visão jamais conhecida em outras regiões”¹⁶. Além das belezas próprias do rio Tocantins, a região possui inúmeras cachoeiras, o enigmático Morro das Figuras e o mais famoso cartão postal da Chapada das Mesas, o Morro do Chapéu.

Na apresentação¹⁷ do livro, Austregésilo de Athayde nos chama a atenção para o fato de que, em sua visão, a publicação tem o potencial de “[...] transmitir e perpetuar a memória não apenas de uma vida individual, mas de acontecimentos que se relacionam com a história coletiva e ganham assim importância aos olhos do futuro”. Isso nos remete ao conceito de memória coletiva, quando no início do século XX o sociólogo Maurice Halbwachs¹⁸ defendeu em seus estudos uma importante ruptura com a ideia que se tinha até então de memória, qual seja, que o indivíduo era o único responsável pelo resgate de seu próprio passado. O autor foi pioneiro ao incorporar o fator social ao estudo da memória, demonstrando que há

¹⁵ MARANHÃO, Rossini Gonçalves. *Carolina Meu Mundo Perdido*. Op. cit., p. 20.

¹⁶ Idem, p.23.

¹⁷ A apresentação do livro de Rossini Maranhão feita por Austregésilo de Athayde foi transcrita de *O Cruzeiro* de 21/01/1970.

¹⁸ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

uma íntima relação entre o individual e o coletivo. Assim, Halbwachs chama a atenção para o fato de que embora as lembranças de um indivíduo pertençam a ele e faça parte de suas memórias individuais, boa parte dessas lembranças pertencem a momentos compartilhados com outros indivíduos na família, na escola, no trabalho e na comunidade da qual ele faz parte. Isso porque a memória individual ancora-se na memória coletiva que é permeada, entre outros elementos, de sentimentos, sons e paisagens.

É assim que o livro de memórias de Rossini sobre a cidade de Carolina pode ser visto, como um emaranhado de memórias dos carolinenses, pois embora seja uma lembrança vivida ou repassada por uma pessoa, ela diz respeito a toda a comunidade. Importante ressaltar que, embora essa memória coletiva tenda muitas vezes a idealizar o passado – como analisado nas próximas páginas – finalizando a apresentação da obra, Athayde afirma que, “O mundo de Rossini Maranhão sobrevive em suas imagens multiplicadas na infância brasileira de ontem, de hoje e de amanhã”¹⁹.

Com 220 páginas o livro está dividido em 26 tópicos ou capítulos, além da apresentação e nota do autor. Versa sobre os mais diversos assuntos que vão desde reminiscências pessoais, familiares e de amigos, a assuntos referentes a acontecimentos nacionais como, por exemplo, lembranças de sua estada em Brasília por ocasião da fundação da capital federal e seus primeiros anos; ao período em que esteve estudando e trabalhando em Belém (PA); na Delegacia Fiscal em Belo Horizonte; no Rio de Janeiro, exercendo atividades de chefia no Ministério da Fazenda; a passagem da Coluna Prestes pela região, entre outros. Pela leitura do livro é possível “viajar” de barco pelo Rio Tocantins com o autor, conhecer cenas de Belém da década de 1930 e, principalmente, imaginar como era o cotidiano da cidade maranhense de Carolina.

No capítulo *Carolina, a princesa do Sertão*, o autor se preocupa em resgatar parte da História da cidade desde sua fundação no início do século XIX. Percebe-se pelo seu relato o muito apreço à questão da educação quando chama a atenção sobre uma solução proposta por um senador da República²⁰ eleito com votos do lugar sobre como amenizar a carência de escolas na cidade. Segundo ele, a fórmula proposta pelo senador e aceita pelo governador “[...] se resumia na nomeação de autoridades estaduais que desempenhassem, também, as funções de mestres. Dessa maneira o Estado atenderia às necessidades de cada município com uma só despesa”²¹.

¹⁹ ATHAYDE, Austregésilo de. Prefácio. In: MARANHÃO, Rossini Gonçalves. *Carolina Meu Mundo Perdido*. Op. cit., 1971.

²⁰ Trata-se do senador Benedito Leite, que se tornou mais tarde (1906) o governador do Maranhão.

²¹ MARANHÃO, Rossini Gonçalves. *Carolina Meu Mundo Perdido*. Op. cit., p. 34.

De página em página as *Reminiscências* de Rossini Maranhão vão levando o leitor a uma volta ao tempo ao descrever o cotidiano de uma cidade do interior no início do século XX. Como o clima quente de Carolina “[...] é comum as famílias sentarem-se às portas de suas residências, aproveitando a escassa brisa que vem do rio, amenizando as suas noites tropicais”²². Outro exemplo era o costume do uso da palmatória nas escolas. De acordo com o autor, o professor ia fazendo as perguntas e aguardando as respostas. De erro em erro, chegou a vez de Rossini, que para sua “infelicidade” acertou a pergunta. Razão de tal malfadado acerto: “Como respondi certo, fiquei com direito a dar uma dúzia de bolos em cada um de meus colegas. Dada a minha inata repulsa à função de verdugo, amenizei bastante o castigo [...]”. Finalizada a tarefa, o professor não satisfeito com o desempenho do aluno lhe ensinou como se devia fazer e sorrindo “[...] esborrachava as minhas mãos com uma dúzia de bolos, usando uma palmatória de aroeira que mantinha na gaveta para tais ocasiões”²³. Há outros interessantes relatos sobre o hábito de o morador de Carolina desejar seguir a moda reinante nas cidades litorâneas apesar das dificuldades de transportes na época: o autor conta que seu pai possuía loja bem sortida na cidade com significativa clientela. Dentre os produtos importados de Belém via navegação pelo Tocantins, havia os famosos sapatos masculinos de bicos finos, última moda na capital paraense. Os sertanejos, embora não acostumados com esse tipo de calçado queriam fazer bonito desfilando com tais novidades. O problema, segundo Maranhão, era que esse tipo de sapato exigia números maiores do que outros calçados, como os sapatos e botinas, a que os moradores estavam acostumados. Desse modo, com a diminuição do estoque vendedor e compradores se esforçavam ao máximo para conseguir fazer com que os pés entrassem nos calçados restantes para fazerem bonito na missa dominical, sendo que, “Depois de um esforço hercúleo o ‘cabra’ saía com os pés entalados com dificuldade, como se tivesse pisando em ovos... e alegre...”²⁴.

É interessante observar os constrangimentos que os comerciantes do interior às vezes passavam ao adquirir certos produtos sem conhecer bem a sua utilidade, como o ocorrido no capítulo intitulado *Confete*. Aconteceu que com saldo credor em instituição comercial de Belém, o dono de uma loja de Carolina solicitou que lhe enviasse a seu critério um produto de fácil aceitação na cidade. Como o carnaval estava se aproximando, o correspondente em Belém decidiu enviar uma carga de confetes para seu cliente. Chegando a mercadoria, o comerciante não entendendo a sua utilidade, pediu auxílio a algumas senhoras para tentar

²² MARANHÃO, Rossini Gonçalves. *Carolina Meu Mundo Perdido*. Op. cit., p. 115.

²³ Idem, p. 42.

²⁴ Ibidem, p. 60.

descobrir como aproveitá-la: após experimentar seu uso em sopas, bolos, doces e outras guloseimas, sem sucesso, o dono da loja utilizou-se do telégrafo para tentar esclarecer a questão. A resposta, embora tenha vindo com rapidez, não foi em nada esclarecedora: “Rapazes usam em moças et moças usam em rapazes durante o carnaval pt”. Mesmo sem ter entendido a resposta lacônica, o comerciante ficou constrangido em voltar a perguntar via telégrafo, ficando a cargo de um rapaz ir até Belém averiguar a serventia de tal produto. Esclarecida a questão, os confetes, juntamente com serpentinas e lança perfumes proporcionaram a Carolina um de seus mais animados carnavais.

A chegada do automóvel na região também faz parte das memórias de Rossini Maranhão. No final da década de 1920 ainda eram raras as localidades do antigo norte goiano como do sul maranhense em que o automóvel já tivesse dado sua graça, aliás, algumas delas conheceram o transporte aéreo antes mesmo dos automóveis. No tópico intitulado *O Ford de Bigode*, o autor arranca gargalhadas do leitor quando descreve uma cena hilária sobre um episódio envolvendo as viagens feitas em um caminhão principalmente levando fiéis para as festas de padroeiros das cidades circunvizinhas e sua desastrosa chegada à cidade Boa Vista, hoje Tocantinópolis (TO), bem no horário da missa noturna: “Súbito, algo estranho lança um apito rouco na praça! É algo desconhecido que surge iluminando o ambiente com possantes holofotes. É algo que anda e ronca ameaçadoramente: é o automóvel do Toinho. Muita gente correndo sem rumo – uns fugindo temerosos e outros querendo saber, ver de perto”²⁵. O pior é que o motorista não tinha muita prática e para não atropelar a montaria do vigário da paróquia, acabou batendo direto em um bar.

A vida em Carolina e nas outras cidades ribeirinhas era diretamente influenciada pelas águas do rio. Ora a estiagem ora as grandes enchentes é que ditavam as regras tanto para o transporte quanto para outras atividades. E assim, enquanto o ano de 1925 teria sido de tão pouca chuva, provocando o encalhamento dos barcos e lanchas, no ano seguinte teria ocorrido uma grande enchente que extravasou o leito e invadiu as povoações ribeirinhas causando devastação e miséria. “As populações que haviam perdido suas casas, suas plantações, seu gado, sofriam agora o flagelo das doenças, com a morte rondando e ceifando mais vidas”²⁶.

A passagem da coluna Prestes em Carolina, que se deu no mês de novembro do ano de 1925, também foi lembrada pelo autor. Segundo ele, os oficiais do movimento

²⁵ MARANHÃO, Rossini Gonçalves. *Carolina Meu Mundo Perdido*. Op. cit., p. 105.

²⁶ MARANHÃO, Rossini Gonçalves. *Carolina Meu Mundo Perdido*. Op. cit., p. 65.

revolucionário foram alojados em casas na cidade e a “A tropa composta de cerca de 1200 homens ficou acampada nas proximidades da cidade, comendo churrascos das reses que pastavam ali por perto, que abatiam a tiros de fuzil”²⁷. Como em outras localidades, os comandantes faziam “requisições” de diversos bens e lhes davam documentos comprobatórios dos bens requisitados para posterior indenização pelos cofres públicos quando fosse vitoriosa a revolução. Em Carolina serviram-se das oficinas do jornal local para fazerem a edição de número 8 de *O Libertador*, órgão da revolução, para divulgarem seu manifesto e explicarem as razões do movimento. Pelo relato é possível perceber certa admiração dos carolinenses pelos revolucionários, principalmente por meio de uma carta direcionada ao movimento, escrita por “homens responsáveis pela cidade de Carolina”, saudando o Comando Geral e informando que “aguarda a vinda dos bravos defensores da República sã e moralizada” e “de braços abertos, sem nenhuma tentativa de resistência, confiante e esperançosa na próxima redenção da Pátria Brasileira”²⁸. Mesmo assim o autor não deixa de mencionar um caso de abuso dos participantes ao informar sobre um caso de estupro ocorrido em uma fazenda nas proximidades de Carolina, mas que, segundo ele teria sido condenado e punido por Juarez Távora.

As memórias de Rossini se voltam também para casos engraçados envolvendo seus conterrâneos, tipos bem populares como o de Chico Bolota, *o morto vivo*. Endividado por causa do insucesso de seu estabelecimento comercial, pois as mercadorias eram adquiridas a crédito em localidades vizinhas mais adiantadas e nem sempre se conseguia retorno financeiro, o carolinense utilizou-se de uma estratégia nada comum para amenizar sua falência. Como era costume fotografar os defuntos nos caixões para guardar uma última recordação, Chico Bolota adquiriu um caixão em segredo, chamou um fotógrafo de sua confiança, vestiu seu terno preto ainda da ocasião de seu casamento, deitou-se no caixão e a fotografia foi tirada. Após esperar por duas semanas pelas cópias reveladas, colocou-as em envelope endereçadas a seus 10 credores com uma carta da “viúva” explicando sua situação de penúria e pedindo o perdão das dívidas. Dentro de alguns dias chegaram as respostas de nove dos dez credores com os pêsames e concedendo o perdão da dívida. Somente um deles não retornou, o que deixou Chico Bolota revoltado por ele não ter se compadecido da “viúva”. Foi então que se vestiu com o mesmo traje do “morto” e foi fazer uma visita ao credor, o qual aterrorizado viu “a esquelética figura de Chico Bolota a olhá-lo fixamente, parado, sem nada dizer”. Apesar do susto conseguiu articular a frase: Estás perdoado, Chico Bolota. Vai

²⁷ Idem, *Op. cit.*, p. 75.

²⁸ Ibidem, p. 74.

descansar em paz!”. Mas para o “defunto” não bastava o perdão em palavras, ele exigia a promissória quitada. Sem alternativa, e muito abalado com a aparição, o credor assinou e entregou o documento para Chico Bolota, que dias depois contava a todos na cidade o calote que havia dado²⁹.

Verdade ou mentira, este e outros casos relatados por Maranhão? A nosso ver, essa não é uma questão relevante ao se ler as memórias de Rossini Maranhão, pois, como dizia o aclamado escritor peruano Mario Vargas Llosa³⁰, por mais delirante que seja a ficção, ela afunda suas raízes na experiência humana, da qual se nutre e à qual alimenta e mais, as mentiras nos romances nunca são gratuitas, pois preenchem as insuficiências da vida.

Por meio desse relato o que se pode é perceber um interessante diálogo sobre o real e o ficcional. Se mesmo nos livros de história já se admite a presença de elementos ficcionais, como exigir cientificidade e isenção em um livro de memórias? Esse relato de Maranhão e mesmo os outros aqui comentados não carecem de teste de veracidade para serem aceitos. São memórias repassadas por um indivíduo sobre um tempo e uma região que mesmo que tais fatos não tenham ocorrido como o descrito, eles fazem parte do imaginário e da mentalidade de uma coletividade. É nesse sentido que essas memórias são valorosas, pois embora alguns dos relatos possam parecer fantasiosos, fazem parte de um mundo real, pouco conhecido pela literatura oficial. É o *mundo perdido* de Rossini Maranhão pedindo espaço e atenção para não ser esquecido, pois também representam as expressões culturais de uma região e fazem parte do mosaico que é a cultura brasileira. Desde sua saída de Carolina para estudar, ainda em 1933, o autor voltou raras vezes à sua cidade natal e quando retorna, a Carolina que tem em frente aos seus olhos, dotada de incontáveis melhoramentos é muito diferente daquela de sua infância, cidade pacata e adormecida. E assim finaliza sua narrativa: “Uma tristeza amarga me invade o coração. Sinto que aquela doce e amada Carolina, agora, vive apenas nas minhas recordações. É para sempre o meu mundo perdido...”³¹.

Carolina, Meu mundo encontrado...

Este escrito não é peça literária, nem tão pouco quimera encantadora de livro que distrai, que empolga, que eleva o espírito aos páramos celestiais. Não, é só para mostrar aos meus filhos como é o panorama deste mundo velho

²⁹ MARANHÃO, Rossini Gonçalves. *Carolina Meu Mundo Perdido*. Op. cit., p. 123-124.

³⁰ LLOSA, Mario Vargas. *A Verdade das Mentiras*. Tradução: Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004, p. 22.

³¹ MARANHÃO, Rossini Gonçalves. *Carolina Meu Mundo Perdido*. Rio de Janeiro: Rossini G. Maranhão, 1971, p. 220.

e sobretudo o que há se passado nesta terra querida onde nascemos e que se chama Carolina...³².

Adozinda Luzo Pires é autora do livro *Meu mundo encontrado*, publicado em 1979. Ela nasceu em 1893 na cidade de Carolina (MA) e faleceu em 1981. Filha enjeitada de uma moça solteira, Adozinda foi criada por um padre³³ que, quando não estava em desobrigas³⁴, lhe ensinava as primeiras letras e mais tarde a teria levado para estudar no colégio interno das irmãs dominicanas francesas de Porto Nacional (TO). Ao retornar para sua cidade natal passou a lecionar no curso primário, além de ministrar aulas da língua francesa, música e pintura. O livro tem o prefácio escrito por Josué Montello (1917-2006), jornalista, professor, teatrólogo e escritor, natural de São Luís (MA), também membro da Academia Brasileira de Letras. Para Montello, o que a autora apresenta, “[...] reclamando o nosso interesse e a nossa atenção, é todo um pequeno mundo de nítidas imagens, que se refletiram nas águas profundas”.

Meu Mundo Encontrado é um dos retratos possíveis da cidade de Carolina através de suas memórias ao longo do século XX. O livro tem como editor seu filho Raimundo Nonato Pires e foi impresso na Gráfica Olímpica Editora no Rio de Janeiro em 1979, dividido em 48 pequenos tópicos com 251 páginas. Em suas páginas iniciais também descreve o histórico da cidade, conflitos políticos, dados geofísicos, atrações e acontecimentos que julga interessantes sobre o lugar e os moradores.

A autora informa que, apesar de seus oitenta anos, o que escreve é um “[...] conto verídico, que não é livro, mas, sim, um desenrolar de fatos ocorridos” em seu berço natal. De fato, relata fatos relacionados à sua infância e à cidade na transição do século XIX para o XX. Nesse período Carolina ainda era um povoado simples com poucas casas cobertas de telhas, entre essas estava a confortável casa do padre Carvílio, que adotou a menina abandonada, Adozinda Pires. Chama a atenção dentre as lembranças de menina, a descrição da organização da festa ao padroeiro da cidade, São Pedro de Alcântara, com a trezena³⁵:

³² PIRES, Adozinda Luso. *Meu Mundo Encontrado*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1979, p. 22.

³³ Além das informações em seu livro, que é na verdade a história de sua vida entrelaçada com a da cidade e região, pouco se encontra sobre a autora em outras fontes. Em Carolina (MA) há uma escola municipal que leva o nome de Adozinda Luzo Pires.

³⁴ O termo desobriga refere-se às viagens que os padres faziam pelo interior para celebrações e atendimento aos moradores da zona rural em suas obrigações religiosas como confissões, batizados e casamentos.

³⁵ A Trezena a Santo Antônio de Lisboa é um encontro para orações, realizado treze dias consecutivos é uma espécie de novena, que diferentemente da novena rezada em nove dias em homenagem ao santo é rezada em treze dias. A Trezena iniciada em Portugal foi levada pelos portugueses para outros países e antigas colônias. Disponível em: <https://www.jesuitasbrasil.org.br/2016/06/24/trezena-de-santo-antonio-reune-milhares-de-fieis/>. Acesso em 09/05/2020.

uma das primeiras atividades era a de se levantar o mastro com a imagem do santo; a iluminação era preparada com produtos locais como o azeite de mamona ou azeite de coco, colocados em caquinhos de barro com um pavio de algodão ao centro, uma espécie de candeeiro. Estes eram distribuídos em uma réplica de postes de luz feitos de buritis, causando boa iluminação do terreiro enfeitado com bandeirinhas coloridas. Para a ocasião havia também a presença de músicos com instrumentos como violões, flautas e rabeca – que tocavam antes e depois das rezas – além de mesa farta com café e bolos e biscoitos.

O Rio Tocantins também é lembrado e destacado com saudosismo pela autora, principalmente por ocasião de sua viagem em 1905 de Carolina para Porto Nacional com o objetivo de lá estudar como aluna interna no famoso colégio Sagrado Coração de Jesus das irmãs dominicanas francesas. Apesar da tristeza por deixar sua cidade natal e das dificuldades da viagem em uma rústica embarcação, o batelão, Adozinda Pires se deleita com o panorama do rio no mês de junho, com suas lindas praias, flora, fauna e comenta sobre os povos de suas margens. De acordo com a autora, após 9 dias de viagem chegaram à Tocantínia, onde trocaram a viagem de barco por animais, e daí, transcorridos mais 5 dias chegam à Porto Nacional para ali permanecer por 7 anos. Embora reconheça a importância da presença dominicana para o desenvolvimento intelectual de Porto Nacional e região, o relato sobre o período em que esteve interna no colégio não é nada elogioso, descrevendo a rigidez e os castigos a que era submetida. Afirma que mesmo desejando seguir a carreira religiosa, as dificuldades eram muitas, principalmente a de ordem financeira, pois “Dado a minha origem, a carreira religiosa só seria atingida com a dispensa do papa, transformada em três contos de reis, fora outras despesas de hábito e mais três anos de estudo que correria por conta do papai”³⁶. A autora acrescenta que sem o apoio por parte das irmãs que não puderam arcar com as despesas quanto à negativa de apoio financeiro do padre Carvílio, não teve alternativa a não ser retornar à Carolina, abandonando por hora o desejo de ingressar na vida religiosa.

Reestabelecida em Carolina, Adozinda relata que percebeu mudança significativa no desenvolvimento da cidade. “Intensa era a vida social [...] bailes, vesperais dançantes, serenatas onde os homenageados abriam suas portas para um café com bolos. Os aniversários eram comemorados com bailes quando se tratava de rico e com pipiral³⁷ quando de alguém pobre”³⁸. A autora completa ressaltando que Carolina era entre as cidades do

³⁶ PIRES, Adozinda Luso. *Meu Mundo Encontrado*. *Op. cit.*, p. 108.

³⁷ O termo pipiral refere-se às festas que ocorriam nas famílias mais simples do lugar, e pipira é uma denominação para as moças operárias em contraposição as moças pertencentes a elite.

³⁸ PIRES, Adozinda Luso. *Meu Mundo Encontrado*. *Op. cit.*, p. 122.

interior do Estado “a que mais filhos formados possui em todos os setores da cultura”, contando com diversos escritores e duas bandas de música com uma gama de instrumentos como: violão, violino, clarineta, saxofone, trombone, flauta, cítara entre outros. Assim, ela passou a dar sua contribuição cultural à cidade, dedicando-se a ministrar aulas particulares do curso primário e aulas de música profana e sacra com o objetivo de “solenizar” as missas e outras atividades religiosas.

De acordo com a autora, os moradores de Carolina eram, em sua grande maioria, católicos. Mas em outra passagem informa que teria chegado à cidade um casal de médicos ingleses “protestantes da gema, que com o tratamento dos corpos danificavam as almas com a seita de Henrique VIII e Lutero”, mas que “Felizmente, suas práticas foram observadas e aderidas mais pelos ricos. Os pobres ficaram horrorizados com a repulsa que fizeram a Nossa Senhora e aos santos”³⁹.

Dentre as lembranças de Adozinda Pires, também têm lugar as intrigas locais, a religiosidade, as brincadeiras e ainda as lendas. Em tópico denominado de *Encantos do Tocantins*, a autora conta casos de pessoas que desapareceram misteriosamente em suas águas. Pode-se dizer que o *Meu Mundo Encontrado* de Adozinda Pires é um labirinto de recordações pessoais e familiares entrelaçadas com a História da Cidade e região, e como bem colocou Josué Montello no prefácio do livro: “Carolina ganhou com isto, não apenas a memorialista que se recorda, de pena em punho – ganhou também a cronista de pequenos fatos esquecidos, que igualmente pertencem ao mundo da história local”.

A Cidade das Mangueiras Seculares

Este livro tem o sabor de manga, a rainha das frutas de Carolina, a mais paroquial, a mais doméstica, a mais saborosa. Com isso, quero dizer que o leitor, principalmente se for carolinense ou daqui dessas ribanceiras tocantinas, vai ler o livro como se tivesse degustando uma manga, aquela manga preferida, ou espada, ou rosa, ou de cheiro, ou manguita. Literalmente⁴⁰.

Alfredo Aquino Maranhão nasceu em Carolina (MA) em 1909 e faleceu em 2001. Fez os primeiros estudos na cidade e parte do curso ginásial em São Luiz, quando teve que retornar à cidade natal por determinação do pai, para ajudá-lo no comércio em uma pequena

³⁹ Idem, p. 127-128.

⁴⁰ BRAGA, Ulisses de Azevedo. Prefácio. In: MARANHÃO, Alfredo Aquino. *A Cidade das Mangueiras Seculares: crônicas*. Brasília: s/ed, 2009, p. 7.

loja de tecidos. A partir daí atuou em diversos ramos na cidade como, por exemplo, na redação de jornais locais, no cinema, como agente de companhias aéreas, locutor de rádio, garimpeiro e funcionário público, entre outros cargos os de vice-prefeito e vereador do município, não deixando de lado seu *hobby* da escrita.

O livro *A Cidade das Mangueiras Seculares* tem o prefácio do também escritor carolinense Ulisses de Azevedo Braga, que afirma ser o autor, “memorialista e memória, o cronista e a própria crônica viva” e que suas crônicas são “sobre acontecimentos que lembram a história e o folclore da cidade, da região...”. O livro, com 116 páginas está dividido em 44 crônicas curtas, e remete às memórias do autor, memórias povoadas com as mais diversas cenas do cotidiano da cidade e entrelaçadas com temas que fazem parte da História local e regional. Fato marcante para os carolinenses foi a chegada do telégrafo na cidade em 1921, evento comemorado com a presença de autoridades, com banda musical e muita celebração. Interessante ressaltar que o telégrafo já era utilizado no Brasil desde meados do século XIX com sua instalação no Rio de Janeiro. Essa passagem nos faz lembrar o pensamento de Peixoto da Silveira⁴¹, por ocasião de sua participação na comissão de escolha do local para a nova capital do país, no qual mostra as desigualdades regionais entre o litoral e o sertão brasileiro, onde as distâncias, medidas em quilômetros ou léguas, podem ser encurtadas pelas “modernas máquinas do progresso”. Segundo Peixoto⁴², “Adentrar-se no sertão equivale a retroceder no passado. Os mesmos marcos que separam as distâncias separam também as eras. A cada centena de léguas de penetração, talvez o recuo de um século...”.

Em seu primeiro capítulo intitulado *Um passeio ao passado*, Maranhão⁴³ nos revela outro fato histórico interessante sobre a chegada do transporte aéreo na região, pois “Naquele ano de 1935, o coronel Lísias Rodrigues, pioneiro da aviação no norte do país, viajando pelo interior do Brasil, usando os transportes da época, com o objetivo de descobrir a rota Tocantins, entabulando negociações com os prefeitos”⁴⁴. Para a cidade, a chegada dos aviões foi uma grande conquista, pois o meio de transporte mais usual na época ou eram os barcos pelo rio Tocantins em direção à Belém (PA) ou em tropas em direção ao nordeste do país. Assim, pode-se imaginar o quanto esse fato foi significativo para a cidade, interferindo no cotidiano de seus moradores.

⁴¹ SILVEIRA, Peixoto da. *A Nova Capital: porque, para onde, e como mudar a capital federal*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1957.

⁴² Idem, p. 10.

⁴³ MARANHÃO, Alfredo Aquino. *A Cidade das Mangueiras Seculares: crônicas*. Brasília: s/ed, 2009.

⁴⁴ Idem, p. 10.

Ao lembrar a fase áurea de Carolina no setor industrial, o autor informa que a cidade já possuiu duas bem organizadas usinas para a extração de óleo de babaçu, produto nativo da região, uma usina de cana de açúcar, além de curtumes com ótima produção e fábrica de calçados. Embora sem mencionar o período, Maranhão exalta esse tempo do fausto e lamenta sua derrocada.

No capítulo *Memórias de Carolina*, o autor chama a atenção sobre uma importante mudança ocorrida nas cidades localizadas na margem direita do rio Tocantins por ocasião da abertura da rodovia Belém Brasília no final da década de 1950. Antes da inauguração dessa rodovia a proeminência na região norte de Goiás e sul do Maranhão estava nas cidades ribeirinhas do rio Tocantins, devido ao comércio que desenvolviam com o norte do país, via navegação fluvial. Após sua construção, essas cidades ficaram marginalizadas e perderam eminência para as novas cidades nascentes nas margens da estrada, mas para o autor, apesar dessa perda, Carolina tem, “[...] sua honrosa história repleta de triunfos e glórias no passado que continuam através dos tempos, mantendo as suas tradições de cidade culta, cidade pioneira, berço da civilização no Tocantins”⁴⁵.

Alguns fatos pitorescos descritos pelo autor merecem atenção, como, por exemplo, o da presença do consagrado jornalista Assis Chateaubriand na cidade para a inauguração de um posto de saúde, para o qual ele havia destinado uma verba enquanto senador da República eleito pelo estado do Maranhão em 1955. Os carolinenses estavam exaltados com a presença de tão ilustre autoridade, e no final da festividade, um jornalista local, desejando ouvir algumas palavras elogiosas sobre a cidade, pergunta ao senador: “quais as suas impressões sobre a nossa Carolina?”. Com seu jeito irônico, Chateaubriand respondeu: “Um ótimo local para construir uma cidade...”, resposta que não agradou nem ao jornalista nem aos carolinenses, mas a festa continuou...

Em outra passagem, há maior satisfação sobre a impressão que a cidade causou em situação distinta. Na década de 1950 a cidade possuía um ativo teatro em que apresentava diversas companhias teatrais. Foi assim que no decorrer de 1954 o ator Procópio Ferreira lá se apresentou. Foi com muita satisfação que os carolinenses leram uma entrevista concedida por Procópio, na qual ele lhes elogiava, afirmando que na cidade recebeu carinhosa acolhida: “Na minha carreira de ator teatral, tenho neste momento o prazer de afirmar que em Carolina encontrei uma das plateias mais educadas, o povo de Carolina ri quando precisa rir e faz silêncio quando o silêncio é necessário”⁴⁶.

⁴⁵ Ibidem, p. 22.

⁴⁶ MARANHÃO, Alfredo Aquino. *A Cidade das Mangueiras Seculares: crônicas*. Op. cit., p. 23.

Do mesmo modo ocorreu com a presença da atriz Leila Diniz, que após apresentar-se nesta cidade, partiu para Floriano (PI), onde ela teria sido mal recebida e vaiada durante o espetáculo. Por essa ocasião, segundo o autor, a atriz teria se expressado do seguinte modo: “É pena que Carolina esteja ali tão perto, e o sopro da civilização não tenha chegado a Floriano”.

As festividades também povoam as memórias de Alfredo Maranhão. A festa mais importante da cidade, a do padroeiro São Pedro de Alcântara é descrita com detalhes, exaltando a religiosidade dos moradores, mas em suas lembranças, o carnaval também é narrado com entusiasmo, em uma descrição minuciosa desde seu início com o uso de máscaras, carnaval de rua, carnaval nas residências, e nos clubes. O autor dá destaque especial a um tipo de carnaval que embora fosse o ponto alto de outras épocas, é desconhecido de muitos e quase desaparecido mesmo nas cidades do interior, o *intrudo*. Brincadeira divertida em que se utilizavam baldes d’água ou cabacinhas feitas de leite de mangaba, também carregadas com água para serem jogadas contra os participantes durante a farra. Após a década de 1930 a cidade aderiu ao carnaval com a formação dos blocos com concursos de fantasias, os festejos em clubes e mais tarde a volta às ruas, contando sempre com a atuação dos músicos carolinenses.

Como característica básica dos livros de memorialistas, o autor dedica boa parte de seu livro às personalidades ilustres de Carolina: políticos, comerciantes, professores, músicos e escritores. Assim, essas e outras passagens retiradas das memórias de Maranhão (2009) podem evidenciar a tendência de exaltação que os memorialistas têm ao recordarem e recriarem um passado mais glorioso do que ele possa ter se apresentado no passado, ou seja, na época em que os fatos ocorreram e foram vivenciados.

Estórias da História de Carolina

Bastou um mês de ausência [...] para vir encontrar a velha Carolina de feição mudada. Completamente outra depois da televisão⁴⁷.

Para finalizar, buscamos as memórias de Ruy Carvalho (1905-1990) também carolinense, que além de escritor e patrono da Academia Imperatrizense de Letras, exerceu a profissão de farmacêutico, professor, político e jornalista. Suas memórias são narradas no

⁴⁷ CARVALHO, Ruy. *Estórias da História de Carolina*. Brasília, Senado Federal, s/d, p. 143.

livro de crônicas *Estórias e História de Carolina*, com 147 páginas e 46 tópicos e tem o prefácio de José Sarney, o qual o denomina de *Um cronista do sertão*. Para Sarney, este “É um livro escrito em linguagem clara, em estilo leve onde a palavra escorre como se fossem águas do Tocantins, em leito sem pedras e corredeiras”, e afirma ser o livro de Ruy Carvalho de grande contribuição para a “História de Carolina, do sertão, do Maranhão e será repositório inapagável de um pedaço da vida de uma cidade do interior”⁴⁸.

Ao ler as crônicas de Ruy Carvalho, que devem ser lidas como tais, é possível concordar com as palavras do prefaciador principalmente no que se refere à leveza da escrita e quanto ao fato de representar bem o cotidiano de uma cidade interiorana, pois o autor narra episódios que são bem típicos do sertão e que soariam estranhos aos habitantes dos grandes centros litorâneos. São causos que fazem parte do universo sertanejo, como por exemplo, em *O Negro Raimundinho* e *A curriola*. Mas por outro lado, também há passagens em que sua linguagem é universal, como por exemplo, em *As queimadas e Pobres criancinhas*.

O rio Tocantins é tema da primeira crônica denominada de *Antigalha*. Nela o autor descreve desde as brincadeiras de criança em suas águas à sua importância para a cidade e região, o cotidiano das viagens em rústicas embarcações com seus percalços, bem como as comemorações que aconteciam nas cidades ribeirinhas por ocasião da chegada dos barcos. Ao cotejar sua narrativa com os dados históricos é possível perceber que o cronista conhecia muito bem as particularidades da navegação praticada nesse rio: os principais proprietários dos barcos, os riscos a que estavam sujeitos, as mercadorias transportadas, a alimentação e os pequenos prazeres dos tripulantes, como por exemplo, os batuques.

Outra crônica digna de nota é a que trata do padre local, o mesmo que adotou e criou a autora do livro já analisado, Adozinda Pires, a qual se ressentiu do fato de que os memorialistas anteriores a ela não terem dado destaque a esse importante personagem em seus livros. De acordo com Ruy Carvalho⁴⁹, padre Carvílio Luso era inteligente, vivo e sagaz, e desenvolvia também as atividades de professor, fazendeiro e chefe político (de oposição), aliás, as más línguas diziam que era “[...] as escápulas de sua rede lhe recomendavam no embalo - Política, Política, Política!”. A batina, ele só usava para a celebração e procissões, e sua fama de “fogo na roupa” corria solta, pois o memorialista afirma que “Cinquenta anos atrás ele já fazia, a descoberto, aquilo que muitos dos seus colegas de hoje ainda praticam às escondidas. Cometia, às claras, inovações que o clero ainda anda pleiteando”. E continua

⁴⁸ SARNEY, José. Prefácio. In: CARVALHO, Ruy. *Estórias da História de Carolina*. Brasília, Senado Federal, s/d,

⁴⁹ CARVALHO, Ruy. *Estórias da História de Carolina*. Op. cit., p. 43.

informando que entre esses deslizes estava o de sua convivência com D. Inez, uma morena amulatada que além de cuidar da casa, partilhava de seu leito.

Do mesmo modo que Rossini Maranhão, Ruy Carvalho relembra com ternura e saudosismo as festividades na cidade com suas famosas bandas de música, as festas religiosas, o futebol e o carnaval de “antigamente”, ou seja, o entrudo, mas abomina o carnaval comercial dos tempos atuais: “Sempre achei o carnaval uma festa triste e cada ano mais triste vai ficando”.

Mas o que chama mais a atenção nas crônicas de Ruy Carvalho é uma maior inclusão de pessoas comuns em sua narrativa, o que pode ser explicado talvez, devido a um contato mais direto com os mais necessitados em sua farmácia na cidade e também por causa de suas andanças pela redondeza de Carolina exercendo sua profissão de farmacêutico. Enquanto os outros memorialistas dedicam maior espaço às suas memórias, digamos mais individuais e aos fatos pitorescos da cidade, Carvalho nos apresenta outros personagens que compõem a paisagem social de Carolina, como por exemplo, *O negro Raimundinho*: “Comunicativo, sempre alegre, o preto Raimundinho, ligeiro se tornava amigo de todo mundo, e quem tivesse a sua amizade poderia contar com seus préstimos que podiam alcançar o terreno do sacrifício”.

Na crônica *A curriola*, Carvalho nos mostra as peculiaridades dos costumes e vocabulários próprios do interior do Brasil ao dialogar com Aurélio Buarque de Holanda, questionando a inadequação do vocábulo corriola com “o” para a região, pois embora em Carolina tenha a planta corriola, o significado para a *curriola* era bem mais abrangente, exprimindo principalmente as reuniões para a farra, a bebedeira, os bailes, o bródio, enfim a boa vida sem se preocupar com o amanhã.

Para além das lembranças das brincadeiras, o autor também trata de assuntos mais sérios como o problema das queimadas e da falta de assistência à saúde dos moradores. Carvalho⁵⁰ alerta para a questão das queimadas, ressaltando a imprudência e os prejuízos por elas causados: “De julho, passando por agosto e culminando em setembro o elemento destruidor irrompe de qualquer lado, ou de todos os lados, concomitantemente. Os semeadores de deserto estão aí para isso, na ignorância de todos eles. Verdadeira calamidade!”. Em sua experiência, enumera os atores e as razões para tais atitudes: o viajante que acende o cigarro, o caçador, o vaqueiro e o roceiro, todos em busca do menor esforço, “fazendo o que viu fazer seu pai, seu avô... e o fogo vai comendo”. No final, o autor questiona sobre uma possível solução para amenizar tal situação: a mobilização de um

⁵⁰ CARVALHO, Ruy. *Estórias da História de Carolina*. Op. cit., p. 77.

exército com metralhadoras ou “uma séria sistemática campanha de esclarecimento, com aulas rurais práticas onde praticamente se ensinasse o sertanejo a respeitar o solo que o sustenta [...]”⁵¹.

Antes de finalizar o diálogo com Ruy Carvalho, não poderia deixar de mostrar sua sensibilidade ao tratar dos problemas enfrentados pela população carente de Carolina e região. Na crônica intitulada *Pobres criancinhas*, o autor convida o leitor a uma reflexão sobre a miséria e falta de assistencialismo nesses rincões distantes dos grandes centros ao comentar sobre um cartaz do hospital que informava “Alimentação equilibrada, saúde assegurada!”, enquanto na sala de espera por atendimento estavam crianças esqueléticas. Havia ainda no cartaz linda imagem de uma mesa farta em variedades alimentares e pessoas felizes em sua volta. Situação no mínimo irônica, nas palavras de Ruy Carvalho, pois a maioria ali não tinha acesso a uma alimentação farta e muito menos balanceada, e “Pediatra nenhum vai perguntar o motivo da transfiguração de uma criança naquele triste farrapinho humano. Não pergunta por que sabe que ali o que faltou foi o que comer, ali imperou foi a fome; e fome de dois tipos – aguda e crônica”⁵².

No final de seu livro somos surpreendidos pela crítica contumaz ao livro de outro memorialista aqui analisado, Rossini Maranhão. Para Ruy Carvalho⁵³, “o mundo que Rossini perdeu no jogo da vida, relata estórias inverídicas, coisas que não aconteceram”, e de certo modo o autor justifica essas inverdades pelo longo afastamento de Rossini Maranhão de sua terra natal, o que teria contribuído para que ele perdesse “mesmo um grande mundo”, descrito no livro *Carolina, meu mundo perdido*.

Apesar da crítica acima, em sua última crônica, à qual se remete a epígrafe dessa seção intitulada *Cidade desfigurada*, o autor também demonstra seu saudosismo a uma Carolina que não existe mais.

Foram-se as rodadas de palestra na calçada. O bate-papo da boca da noite na porta da rua, com vizinhos e amigos, desaparecido como por encanto. Nada mais existe da descuidosa vidinha interiorana de outrora. Cambou tudo para o interior do domicílio; ninguém mais encarando o interlocutor, olhos grudados nos Gracindos, nos Cuocos, na Bete ou na Sandra Bréa. Conversa sincopada, lateral, de canto de boca, porque impossível se torna a comunicação frontal. Todo mundo virado para o televisor. Verdadeiro suplício dar conta de dois assuntos concomitantes: o do semicírculo e o que vem do aparelho⁵⁴.

⁵¹ Idem, p. 79.

⁵² CARVALHO, Ruy. *Estórias da História de Carolina*. Op. cit., p. 93-94.

⁵³ Idem, p. 132.

⁵⁴ Ibidem, p. 143.

Mesmo tendo permanecido apenas um mês fora da cidade, diferente de seu conterrâneo Rossini Maranhão que teria se ausentado por longo período, as mudanças significativas ocorridas no lugar narradas por Carvalho devido ao advento da televisão, embora tal acontecimento não seja datado⁵⁵ pelo memorialista, mostra o poder avassalador da chegada da televisão nas cidades do interior, como por exemplo, o que ocorreu em Carolina (MA).

Considerações Finais

A leitura desses memorialistas pode proporcionar conhecimento de uma região pouco privilegiada pela historiografia e deleite para o público de modo geral; para os moradores da cidade e região, além de conhecer melhor o lugar e seus conterrâneos, sua leitura causa, com certeza certa nostalgia, além do sentimento de lembranças comuns e compartilhamento de memórias de um tempo que não existe mais. Os carolinenses de hoje possuem outros costumes e os episódios narrados por meio dessas crônicas podem, além de despertar um sentimento de identidade, contribuir para sedimentar um passado comum que, mesmo sem o rigor científico em sua construção, é parte da História local e regional do interior do Brasil. História essa que embora não apareça nas grandes sínteses sobre o país, não deixa de ser importante e contribuir para um melhor conhecimento desse vasto e múltiplo território.

Por outro lado, se debruçar sobre os livros desses memorialistas é importante porque faz emergir uma problematização sobre sua produção e repercussão. O *Meu Mundo Encontrado*, de Adozinda Pires, foi publicado em 1979, oito anos após a publicação de *Meu Mundo Perdido* de Rossini Maranhão. É possível deduzir que Adozinda Pires leu o livro de Maranhão (1971), pois a autora critica-o por não ter escrito nenhuma linha sobre o padre Carvílio Luzo, que segundo ela, além de ser a pessoa responsável pela sua criação e educação, foi uma personalidade importante na cidade. A autora não economiza elogios a ele, com demonstração de eterna gratidão em vários momentos em seu livro.

Sobre as origens e o nome da cidade, os memorialistas atribuem a fundação do lugar ao sertanejo baiano Elias Ferreira de Barros, mas não informam uma data específica. As versões de Adozinda e de Rossini Maranhão são quase idênticas para o surgimento da cidade, imputando a esse sertanista a sua fundação, e ao deputado provisório goiano – Padre

⁵⁵ ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2001. De acordo com o autor, em 1970 o Brasil possuía já 4 milhões e 259 mil domicílios com televisores, ou seja, mais de 50% da população possuía tal veículo de comunicação. Em 1982 esse número saltou para 73% dos domicílios servidos pelo aparelho

Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, a mudança do nome do lugar para Carolina no ano de 1825; porém, divergem quanto ao nome do antigo lugar: enquanto para Adozinda Pires a primeira denominação do local era o povoado de Santo Antônio, para Rossini Maranhão, era São Pedro de Alcântara. Embora os dois autores argumentem que o nome da cidade seja devido à homenagem a primeira imperatriz do Brasil, Pires⁵⁶ levanta a dúvida sobre a possibilidade de a homenagem ter sido também “a outra ignorada Carolina”, que seria a amante do sertanista Elias Barros, fundador do lugar. Ainda de acordo com os dois autores, a cidade foi elevada à categoria de vila em 1831 pelo Governador de Goiás, e tal fato gerou um litígio entre as duas províncias. Esta contenda realmente ocorreu e só teria sido resolvida por um Decreto em 1854, voltando a cidade a pertencer à província do Maranhão. Ainda sobre a origem do nome da cidade, Ruy Carvalho⁵⁷ discorda dos dois anteriores, e argumenta ser o nome de Carolina homenagem a uma filha de D. Pedro I. Afirmação esta facilmente contestada pelo fato de que não há registro de uma filha do imperador com esse nome. Sobre essa questão é possível constatar que realmente o segundo nome da primeira imperatriz do Brasil era Carolina: *Maria Carolina Josefa Leopoldina* que nasceu em Viena, no palácio de *Schönbrunn*, em 22 de janeiro de 1797, conforme Braga⁵⁸. Fato confirmado também na *Corografia Histórica da Província de Goiás* de Cunha Mattos, o qual informa que a cidade “Recebeu o nome de Carolina dado pelo deputado do governo provisório Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, em 1823, em obséquio a nossa augusta Imperatriz...”⁵⁹.

Mesmo não sendo possível constatar com total certeza qual Carolina foi a homenageada, é interessante observar que, apesar de Adozinda Pires ter mencionado que a atribuição do nome à cidade poderia tratar-se de um tributo à amante do sertanista fundador do lugar, esta versão não foi levada adiante por esses memorialistas e nem pelos outros carolinenses, pois para eles seria mais significativo, pomposo e digno que o nome da cidade tivesse como inspiração e homenagem uma imperatriz do que a simples amante de um sertanista.

Conforme Pesavento⁶⁰, “[...] cada cidade é um palimpsesto de histórias contadas sobre si mesma, que revelam algo sobre o tempo de sua construção e quais as razões e as sensibilidades que mobilizaram a construção daquela narrativa”. Assim, é possível perceber

⁵⁶ PIRES, Adozinda Luso. *Meu Mundo Encontrado*. Op. Cit., 1979, p. 26.

⁵⁷ CARVALHO, Ruy. *Estórias da História de Carolina*. Op. cit., p. 11.

⁵⁸ BRAGA, Paulo Drumond. “Leopoldina de Habsburgo, rainha de Portugal”. In: *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, vol. IV, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2006, p. 233. Disponível em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4918.pdf>. Acesso em 11/06/2020.

⁵⁹ MATTOS, Raymundo José da Cunha. *Corografia Histórica da Província de Goiás*. Rio de Janeiro: Revista do Instituto Histórico e Geográfico, 1874, p. 131.

⁶⁰ PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Op. cit., p. 17.

o entrelaçamento de diversos enredos e tramas sobre a cidade de Carolina, o que mostra a dinamicidade das narrativas, pois “Personagens e acontecimentos são sucessivamente reavaliados para ceder espaços a novas interpretações e configurações, dando voz e visibilidade a atores e lugares”⁶¹.

Nesse mesmo sentido, Ítalo Calvino⁶² nos leva a refletir sobre o desejo do homem pela cidade: quando ele chega à cidade fictícia de Isidora, percebe que “na praça, há um murinho dos velhos que veem a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações”. Analogamente, observamos nos livros de memórias sobre Carolina (MA), os desejos transformados em recordações: alegres, tristes, ressentidas ou carregadas de nostalgia, são repletas do desejo de compartilhamento das lembranças sobre a cidade e seus moradores. Mas, como alerta Calvino⁶³, “[...] jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve”. Assim são os discursos sobre Carolina: perdida, encontrada, ou das mangueiras centenárias... São muitas e múltiplas as memórias e histórias que podem ser lidas, interpretadas e saboreadas (como as mangas da cidade), e cada um desses memorialistas apresenta um discurso, colocando em evidência fragmentos ou vestígios pouco conhecidos sobre a cidade de Carolina.

Recebido em 28 de setembro de 2021
Aceito em 26 de novembro de 2021

⁶¹ Idem, p. 17.

⁶² CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. *Op. cit.*, p. 6.

⁶³ CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. *Op. cit.*, p. 59.